

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2019. 264p.

Ana Carolina Oliveira Marcucci¹

¹Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Este não é um romance de leitura serena e repousada. *Torto Arado* é a janela para um Brasil gigante, do qual se fala pouco, mas que carrega em si profundos ensinamentos e as mais marcadas violências. O livro conta a história daqueles que têm afeto pela terra e que dela compartilham seu trabalho, seu alimento e sua cor. Localizada na região da Chapada Diamantina, no interior do Estado da Bahia, a obra de Itamar Vieira Junior acompanha a vida de trabalhadoras e trabalhadores rurais descendentes de pessoas escravizadas que “vivem de morada” nas fazendas de outros e, naquele local, criam raízes. Sem nunca explicitamente revelar em que período se passa a história, o autor constrói a narrativa dando pistas para o leitor sobre o tempo das coisas. Ele fala de acontecimentos históricos e de locais, da sazonalidade da natureza, das datas de nascimento e das festividades da religião Jarê. Em um tempo sem tempo, o autor cuidadosamente consegue passar a atualidade das opressões vividas pela população negra rural e a construção histórica da luta contínua pelo direito à terra. E, assim, nos apresenta a mais fina “literatura como experiência antropológica”¹.

Publicada pela editora Todavia em 2019², *Torto Arado* é, até o momento, a obra de maior destaque³ do escritor baiano. Sua atuação como funcionário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e seu doutoramento em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia contribuíram de maneira significativa para a escrita do romance. A escolha pela literatura, segundo Itamar, se dá na tentativa

¹ Conforme propõe Itamar Vieira Junior no artigo “Elogio à literatura”, para a *Revista Pessoa*, “[...] tenho pensando a literatura como uma experiência antropológica, mas de uma antropologia conforme proposta por Tim Ingold, que, por sua vez, se inspirou na filosofia de Deleuze e Guattari, como um debruçar sobre os devires humanos na trama do mundo. Uma arte com ênfase na vida e no seu devir, com capacidade sempre renovada de transpor as destinações que lhe são dadas, ou seja, sempre se transformando”. Informação disponível em: <https://www.revistapessoa.com/artigo/3069/elogio-a-literatura>. Acesso em: 2 jan. 2021.

² Romance foi vencedor do prêmio LeYa, em 2018, e dos prêmios Jabuti e Oceanos, em 2020.

³ Entre as principais obras de literatura de Itamar Vieira Junior, destaque para os contos: *Dias* (2012), Vencedor do Concurso XI Projeto de Arte e Cultura, e *A Oração do Carrasco* (2017), vencedor do Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores.

Recebido em: 26/07/2021

Aceito em: 08/09/2021



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

de encontrar uma forma menos rígida e técnica de levar a realidade do trabalhador do campo, quilombola e indígena para o grande público e, assim, contar histórias⁴.

Dividido em três partes, *Fio de corte*, *Torto arado* e *Rio de sangue*, o autor escreve seu romance protagonizando duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que também são as narradoras em primeira pessoa, respectivamente, da primeira e segunda parte do livro. Na terceira parte, vemos a prioridade pelo protagonismo feminino novamente confirmada, dessa vez, ganhando contornos para além do humano. A Encantada Santa Rita Pescadeira é a responsável por narrar a última parte da obra, demonstrando a centralidade da religiosidade e tradição do Jarê no cotidiano das pessoas da Chapada. Cada seção do livro é composta de capítulos curtos, que ora narram os acontecimentos presentes, ora os do passado, nos quais vão se fazendo as tramas que dão forma à vida das pessoas, encantados, plantas e bichos daquela terra.

Já nas páginas iniciais de *Fio de corte*, narrada pela irmã mais velha, Bibiana, um incidente muda a vida das irmãs: a curiosidade pelo conteúdo da mala de sua avó, Donana, as leva ao objeto de lâmina brilhante ligada a uma empunhadura de marfim bem acabada. O metal da faca, conforme percebiam as meninas, parecia ter saído direto da terra, e a vontade de explorar seu gosto misterioso acabou por ferir em seu fio de corte a língua de uma e arrancar a da outra. Desse dia em diante, as irmãs passam a dividir o mesmo órgão e a desenvolver a atenção dos olhos e gestos corporais de cada uma, fortalecendo laços de proteção que nutrem entre si. A partir desse evento, nos é desenhada a história das irmãs.

A religiosidade é um dos elementos centrais na obra, presente desde sua primeira parte: as brincadeiras de Jarê, religião de matriz africana caracterizada pelo sincretismo, com grande influência do candomblé caboclo e do catolicismo rural, aparece nas práticas de cura e solidariedade. Nesse contexto, rezas, folhas, velas, xaropes de raízes, brincadeiras e encantados que dominavam os corpos de seu pai e vizinhos, tudo isso, compunha a paisagem do mundo à sua volta. Desse modo, Bibiana e Belonísia crescem em meio às crenças de sua avó paterna Donana, sua mãe Salustiana e de seu pai Zeca Chapéu Grande. Seu pai dividia o trabalho de sol a sol na roça dos donos da fazenda com os de curador de Jarê, sendo muito respeitado por toda a comunidade. Agia com afeição com seus filhos e com os necessitados que chegavam à sua porta em busca de ajuda. Como conta Bibiana:

[...] era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes e necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33)

Assim, a obra evidencia a proximidade e o conhecimento da terra, compartilhado pelos trabalhadores e trabalhadoras que dela cuidam. Cuidado que é passado para as gerações seguintes a partir do exemplo, da experiência e da atenção aos sinais da mata. É assim que Belonísia, durante a segunda parte da obra, *Torto arado*, narra como desde criança tinha como mestre seu pai:

⁴ Entrevista de Itamar Vieira Junior ao *Brasil de Fato Entrevista*, em 12/02/2021. Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T9Eah9dmXtU>.

Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca, banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara. [...] Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para o seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99-100)

Ademais, o conhecimento da mata passado por seus pais e avó oferece ao leitor uma importante contraposição à forma com que o conteúdo escolar formal era trabalhado com as crianças de Água Negra, realidade essa facilmente expandida para muitas crianças em todo Brasil. Mesmo com a construção de uma escola e com a chegada da professora na fazenda, muitas crianças não se sentiam motivadas a participar das aulas “[...] em que se falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97). Tampouco conseguiam se ver no conteúdo dado, conforme enfatiza Belonísia em sua frustração com a escola: “[...] a professora não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99). Para ela, a educação que fazia sentido era aquela em que conseguia ver sua história, sua comunidade, seus parentes e vizinhos.

A obra, então, reforça a valorização da identidade local e do conhecimento e experiência dos antigos, deixando evidente a contraposição entre as famílias que vivem, trabalham e cuidam da terra e a família Peixoto, dona da fazenda, cujo interesse limita-se aos seus frutos e lucros. Os Peixoto não viviam ali e, tampouco, conheciam os caminhos de Água Negra, mas tinham o poder de expulsar e de pilhar a todos. Não havia nenhuma garantia para aqueles que nasceram e cresceram trabalhando naquela terra.

A terceira e última parte do livro, *Rio de sangue*, é narrada pela encantada Santa Rita Pescadeira, cuja identidade, associada a canções, já estava quase esquecida pela população. Como grande observadora do presente e com vivência do passado, é narradora privilegiada que apresenta ao leitor a vida de seu povo. Dedicar-se a contar sobre as mudanças que a acompanhava: dos homens que enlouqueceram atrás de diamantes; do garimpo que fez os rios encherem de areia; das discussões sobre leis e formas de garantir direitos; e da luta pelo livramento daquela gente que enterrou seus umbigos nos quintais daquela terra. Se, por um lado, é possível dizer que o livro caminha por aspectos mágicos, este, por sua vez, não é apresentado como algo distante da população ou como algo extranatural. Ao contrário, compõe o cotidiano, algo que compartilham nos rituais, festejos e nas brincadeiras. Obrigações e interditos.

A obra de Itamar Vieira Junior apresenta a potência que histórias e saberes locais têm. Como antropólogas(os), podemos aprender com *Torto Arado* que o que dá carne e osso às nossas etnografias são aqueles que a habitam. E, aqui, propositalmente, deixo de me referir exclusivamente a pessoas: são habitantes humanos e mais que humanos. São os bichos, as árvores, os cultivos das roças, o rio e seus peixes; são os encantados que habitam os corpos humanos no Jarê; são as mudanças que caminham com a tradição. Tais habitantes foram bem trabalhados pelo autor, que se aproveita do potencial da

literatura de relativizar, desnaturalizar e colocar em perspectiva visões de mundo, escolhas e preferências (EL FAR, 2014, p. 414).

Ainda que a aproximação entre literatura e antropologia, em particular a etnografia, não seja movimento novo, ao contrário, parte desde muito cedo com os relatos de viagens; manifestar a potência desse encontro não me parece demais, já que, como nos diz Antonio Candido (2011), a literatura não é experiência inofensiva. Ela nos fornece a possibilidade de viver dialeticamente os problemas e mostra “[...] outro modo de dizer sobre o outro, não menos pessoal, não menos verídico” (PERDIGÃO; SINDER, 2017, p. 417). Assim, Itamar, como “interessado etnógrafo”, desvenda “[...] entre o corriqueiro e o cotidiano alguma explicação mais profunda sobre a humanidade” (PERDIGÃO; SINDER, 2017, p. 413).

Portanto, se, por um lado, suas personagens são fictícias, sua realidade é facilmente vista por vários cantos do país. Como aponta Itamar, Belonía e Bibiana são personagens construídos a partir de muitas pessoas e muitas histórias, Zeca Chapéu Grande, os Peixoto e outras tantas. Apenas a encantada Santa Rita Pescadeira, segundo o autor, foi imaginada a partir da encantada de mesmo nome presente no Jarê, que vem sendo esquecida pela população.

O trabalho de campo do autor proporcionou, então, que ele compartilhasse de muitos eventos e fenômenos com as comunidades quilombolas da região, que foram ficcionalizados na criação da história de *Torto Arado*. Se o(a) antropólogo(a) não cria dramas e personagens como o(a) literato(a), ele(a) elabora a sua própria maneira ao falar sobre o outro, uma representação da realidade. Não se trata, portanto, da história de uma determinada população ou grupo social, mas sim, como diz James Clifford, de “[...] uma história entre outras histórias” (CLIFFORD, 2008 *apud* EL FAR, 2014, p. 412).

Por isso, nessa diversidade de histórias, *Torto Arado* nos permite confrontar vozes silenciadas, que carregam em seus corpos a luta e a dor, por meio da palavra viva da literatura como uma interessante experiência de observação e descrição de histórias. Transmite uma manifestação política e afetiva pela terra, com riqueza de detalhes, emoções e força contidas no dia a dia das trabalhadoras e trabalhadores rurais da Chapada. Com esse *Torto Arado*, Itamar planta mais uma semente nesta luta.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- EL FAR, Alessandra. Uma etnografia do galanteio nos terrenos da ficção: afinidades eletivas entre antropologia e literatura. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, v. 57, n. 1, 2014.
- PERDIGÃO, E.; SINDER, V. Etnografia e ficção em perspectiva. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 411-425, dez. 2017.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Editora Todavia, 2019. 264p.

Ana Carolina Oliveira Marcucci

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Vinculada ao Centro de Estudos Rurais da Unicamp (CERES). Atua na área de Antropologia, com interesse em: políticas públicas, conhecimentos tradicionais, patrimônio e agricultura.

Endereço profissional: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rua Cora Coralina, Cidade Universitária, Campinas, SP. CEP: 13083-896.

E-mail: ana.marcucci31@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8964-8094>

Como referenciar esta resenha:

MARCUCCI, Ana Carolina Oliveira. Resenha da obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, 2019. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 1, e82987, p. 256-260, janeiro de 2022.